

## Shoppings populares de olho na classe média em BH

(Geórgia Choucair e Sandra Kiefer)

Consumo

Espaços que abrigam ex-camelôs também têm alta expectativa com o aumento da classe C

Estado de Minas

A classe C, conforme levantamento da FGV, foi a que mais cresceu na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Em 15 anos, passou a representar 56,7% da população, quase quatro vezes maior em relação ao contingente de classe alta (14,9%). Ela recebeu o fluxo de emergentes da classe D (que encolheu de 30,5% para 19,1%) e da classe E, que despencou de 24,3% para 9,3% entre 1993 e 2008. Na comparação com as outras regiões metropolitanas com maior representatividade da nova classe média, Minas aparece na quarta posição, com 56,7 %, perdendo para Rio Grande do Sul (57,5%), São Paulo (57,6%) e Paraná (61,5%).

Os lojistas dos shoppings populares, os representantes número 1 do consumo da baixa renda no Natal, preparam os estoques à espera do movimento do fim de ano. “Esperamos vender 30% a mais. As pessoas estão buscando produtos com preços mais competitivos”, afirma Leonardo Furman, administrador do Shopping Xavantes, em Belo Horizonte. O Oiapoque ainda não faz vendas on-line, mas já tem sua vitrine na internet, no site [www.shoppingoiapoque.com.br](http://www.shoppingoiapoque.com.br).

A Cooperativa Comum de Compras dos Empreendedores de Shoppings Populares, que reúne vendedores do Oiapoque, Xavantes, Tupinambás e Caetés, acaba de fazer sua primeira importação da China, um total de US\$ 300 mil em produtos como piscina plástica, colchão, notebook, malas e ferramentas. Até o Natal, a cooperativa pretende fazer mais uma ou duas importações. “As vendas do comércio caíram muito de março até agora. Nossa esperança estão em outubro, novembro e dezembro”, afirma Aroldo José dos Santos, presidente da cooperativa. O MP10, que é o telefone com dois chips, televisão, rádio, câmara de TV e fotográfica, promete ser o destaque das vendas este ano, segundo Santos. O produto está sendo comercializado por R\$ 320.

Fernanda Rocha tem uma loja de bijuterias no Oiapoque, a Balagandã. Ela encomendou 50% a mais de mercadorias este ano. “O primeiro semestre foi mais fraco. Acredito que as pessoas vão buscar produtos com preços mais baixos para o Natal”, afirma Fernanda. Ela vende itens com preços de R\$ 2 (brinco) a R\$ 200 (corrente folheada).

O auxiliar de cozinha Klinger Kennedy começou a trabalhar como ajudante de cozinha em novembro do ano passado. Ele e a mulher, Danielle Kawanny, têm renda mensal média de R\$ 800. Este ano, o 13º salário do casal vai ser maior e com isso vão poder comprar mais no Natal. Querem uma bicicleta para a filha de 3 anos.

O casal Leonárcio Novaes da Silva e Grazielle Pereira de Oliveira vai comprar mais. “Acho que os preços das roupas estão menores”, diz Silva. Eles pretendem desembolsar cerca de R\$ 800 com presentes no Natal. No ano passado, gastaram entre R\$ 300 e R\$ 400.